

Bom andamento da economia portuguesa no início de 2024

A informação conhecida relativa aos primeiros meses deste ano respeitante à atividade, emprego e inflação, justifica algum otimismo para o conjunto do ano e é também confirmada pelas revisões recentes de cenários por algumas entidades de referência. Deste modo, confirma-se que 2024 será um ano de crescimento mais baixo que os anos recentes, mas ainda assim de expansão significativa tendo em conta todos os condicionantes desfavoráveis, em particular o enorme aumento da inflação e das taxas de juro desde meados de 2022, com efeitos desfasados sobre a atividade e confiança.

Em particular destaca-se a informação das contas nacionais relativas ao primeiro trimestre do ano, cuja estimativa *flash* (ainda sem o detalhe por componente) surpreendeu favoravelmente com um acréscimo do PIB de 0,7% no trimestre. Ainda assim, em termos de comparação homóloga observou-se apenas um crescimento de 1,4%, sinalizando que a economia se ressentiu efetivamente de todas as condicionantes desfavoráveis e abrandou por comparação com os anos desde a pandemia (o crescimento cifrou-se em 2,3% em 2023). Apesar desta desaceleração notória e do crescimento mais baixo, em termos de comparação com a zona euro, Portugal continua a comparar bem, dado que o conjunto da UEM registou uma expansão de 0,4% em termos homólogos e 0,3% em cadeia no mesmo período. A performance da região tem sido bastante influenciada pela fragilidade que continuam a evidenciar as duas maiores economias do bloco, Alemanha (com 3 trimestres consecutivos de queda do PIB em termos homólogos) e França (crescimentos homólogos em torno de 1%), e também os países do norte da Europa (como a Áustria que há pelo menos 4 trimestres regista contração da atividade acima de 1% medida em termos homólogos), penalizados pela proximidade do conflito na Ucrânia e com maior peso do segmento industrial (mais afetado pela transição energética).

Regressando à economia portuguesa, os sinais para os próximos meses parecem moderadamente favoráveis, pelo menos pela leitura dos índices de confiança, que em abril registaram uma melhoria transversal aos vários segmentos. No caso do consumidor, a confiança regressou aos níveis anteriores ao registado em início de 2022, antes do eclodir da guerra na Ucrânia. As famílias mostram-se mais otimistas quer quanto à situação do agregado familiar quer quanto à avaliação (atual e futura) da situação económica do país. A redução das taxas de juro nos últimos seis meses, acompanhando a expectativa do mercado relativamente à política monetária do BCE, a expectati-

va de que esse movimento se reforce em breve e a descida ordenada da taxa de inflação, estarão na base deste otimismo. Não menos importante será o desempenho do mercado de trabalho – emprego aumentou para mais de 5 milhões de indivíduos no 1T, um novo máximo histórico – enquanto as remunerações por trabalhador aumentaram mais de 6% y/y nos primeiros três meses do ano, ritmo mais elevado desde o início da série, e que sugere que o rendimento disponível das famílias terá registado uma boa performance (sobretudo em termos reais), sustentando o consumo privado.

Quanto aos indicadores setoriais, são também favoráveis, pois em regra recuperam de valores mais fracos observados em meados do ano passado, mas não oferecem uma perspetiva tão favorável como os do consumidor. De facto, o indicador de sentimento económico da CE regista valores máximos desde há cerca de um ano, com destaque para o setor dos serviços. Não obstante, o setor industrial permanece em retração e a construção parece estar a perder algum vigor. Ainda assim, tudo aponta para a continuação de uma trajetória positiva da economia ao longo do ano, justificando possivelmente uma reavaliação do nosso cenário em sentido ascendente nas próximas semanas.